

**Educação Financeira: um estudo dos livros dos 4º e 5º  
anos do Ensino Fundamental no âmbito da Estratégia  
Nacional de Educação Financeira (ENEF)<sup>1</sup>**

**Financial Education: a study of the books of the 4th and  
5th years of Elementary School within the scope of the  
National Strategy for Financial Education (ENEF)**

*Fabiana Gomes Silva<sup>2</sup>*

*Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa<sup>3</sup>*

*Laís Thalita Bezerra Santos<sup>4</sup>*

**RESUMO**

Neste estudo objetivamos identificar, a partir da análise dos livros do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental propostos pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), as possibilidades de trabalho com a Educação Financeira (EF). Utilizamos como método a análise documental, tanto nos livros do aluno quanto nos do professor. Baseamo-nos no recorte dos ambientes de aprendizagem presentes na Educação Matemática Crítica (EMC) proposta por Skovsmose (2000; 2014). Como resultados, encontramos que os livros não defendem o que é certo ou errado em EF, mas levam à reflexão, e contemplam a transversalidade do tema EF, que é abordado de forma integrada às diferentes áreas do conhecimento. Encontramos ainda algumas atividades que não contemplam diretamente a EF, o que consideramos como um dos aspectos de possível fragilidade do material. Consideramos que, em geral, os livros trazem boas oportunidades para a construção de cenários para investigação e para a discussão sobre a EF.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Financeira. Anos Iniciais. Ensino Fundamental. Material Didático da ENEF.

<sup>1</sup> Estudo financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Matemática e Tecnológica - EDUMATEC - da Universidade Federal de Pernambuco. Pedagoga - UFPE (2018). E-mail: [fabianaeducacao417@gmail.com](mailto:fabianaeducacao417@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9332-073X>.

<sup>3</sup> Professora e pesquisadora da Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE. E-mail: [cristianepessoa74@gmail.com](mailto:cristianepessoa74@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5434-8999>.

<sup>4</sup> Doutoranda em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE. Mestre em Educação Matemática e Tecnológica – EDUMATEC – UFPE (2017). E-mail: [laisthalita@hotmail.com](mailto:laisthalita@hotmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5724-0556>.



## ABSTRACT

In this study, we aimed to identify, from the analysis of the books of the 4th and 5th years of elementary school proposed by the National Strategy of Financial Education (ENEF), the possibilities of working with Financial Education (FE). We used documentary analysis as a method, both in the students' and in the teacher's books. We are based on the cutting of learning environments present in Critical Mathematics Education (CME) proposed by Skovsmose (2000; 2014). As results, we find that the books do not defend what is right or wrong in PE, but lead to reflection, and contemplate the transversality of the theme PE, which is approached in an integrated way to the different areas of knowledge. We also found some activities that do not directly contemplate FE, which we consider as one of the aspects of possible fragility of the material. We consider that, in general, books bring good opportunities for the construction of scenarios for research and for the discussion about FE.

**KEYWORDS:** Financial Education. Early Years. Elementary School. ENEF Teaching Material.

## Introdução

A Educação Financeira (EF) é um tema que vem sendo discutido amplamente. Antes da sua inserção em documentos oficiais, a temática já era abordada em algumas escolas (OLIVEIRA, 2017), porém sem obrigatoriedade. No entanto, após a homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), que apresenta a EF como um tema transversal e integrador, a EF passou a ser obrigatória nas escolas. Tal documento, assim como os Parâmetros Curriculares de Pernambuco – PCPE (PERNAMBUCO, 2019) afirmam que a temática pode e deve perpassar as diversas áreas do conhecimento. Para tanto, defendemos um trabalho de EF de forma transdisciplinar<sup>5</sup> que pode acontecer por meio de projetos entre a escola e comunidade.

Internacionalmente, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE<sup>6</sup>) discute com seus países membros e países colaboradores, entre outros aspectos, estratégias, boas práticas e fazem recomendações sobre a abordagem da Educação Financeira para a população.

No contexto nacional, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) foi criada a partir do Decreto 7.397, em dezembro de 2010, e surgiu para instrumentalizar a população brasileira, de forma gratuita, com informação, orientação e formação. O Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) era responsável por dirigir, supervisionar e fomentar a ENEF e a composição para representação consistia de um Diretor do Banco Central do Brasil, do Presidente da

---

<sup>5</sup> “Transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente* e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1997, p. 3).

<sup>6</sup> A OCDE tem origem na década de 1960, com a união de 20 países, com o objetivo de criar uma organização dedicada ao desenvolvimento econômico. Hoje são 37 países membros e alguns países parceiros, estando o Brasil entre os parceiros. Para mais informações: <http://www.oecd.org/about/membersandpartners/>.

Comissão de Valores Mobiliários (CVM), do Diretor da Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC), do dirigente da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), do Secretário-Executivo do Ministério da Fazenda (MF), do Secretário-Executivo do Ministério da Educação (MEC), do Secretário-Executivo do Ministério da Justiça (MJ), do Secretário-Executivo do Ministério de Previdência Social (MPAS), e quatro representantes da sociedade civil: Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA), a principal bolsa de valores brasileira (BM&FBOVESPA, atualmente B3), Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNSEG), e a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil) como responsável por coordenar e executar os projetos da ENEF. Com a instituição do Decreto Federal nº 10.393, de junho de 2020, a coordenação passou a ser responsabilidade de um fórum criado para esse fim, o Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF). Os representantes do FBEF são os seguintes órgãos e entidades:

I - Banco Central do Brasil; II - Comissão de Valores Mobiliários; III - Superintendência de Seguros Privados; IV - Secretaria do Tesouro Nacional da Secretaria Especial de Fazenda do Ministério da Economia; V - Secretaria de Previdência da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia; VI - Superintendência Nacional de Previdência Complementar; VII - Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça e Segurança Pública; e VIII - Ministério da Educação (BRASIL, 2020, Art. 3º).

A presidência do FBEF será de um membro e de um suplente das instituições citadas, em um regime de rodízio a cada dois anos.

A ENEF se inspirou na concepção de EF definida pela OCDE em 2005, adaptando à realidade brasileira. A OCDE define a EF como

O processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005 *apud* BRASIL, 2013, p. 3).

A concepção de EF da OCDE adotada pela ENEF não aborda de modo específico a EF na escola, portanto corroboramos o conceito de Educação Financeira Escolar (EFE) cunhado por Silva Powell (2013), que dizem que:

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (SILVA; POWELL, 2013, p. 12).

De modo semelhante, concordamos com Pessoa (2016) quando defende que a EF na escola desenvolva de forma crítica um ensino que considere a Matemática que faz parte do cotidiano, que também seja um instrumento de intervenção na própria realidade, além de “propiciar a discussão acerca de um consumo consciente, da influência que a mídia exerce nas escolhas diárias, da reflexão sobre o que desejamos e o que realmente precisamos, sobre o impacto ambiental que algumas escolhas podem causar etc.” (PESSOA, 2016, p. 241-242).

Bauman (2008) discute sobre a sociedade líquida moderna e a fluidez das mudanças, aponta para o enorme fluxo de informações veiculadas e consumidas diariamente e a pressa em se desfazer de objetos, os quais antes o indivíduo “precisava” e pouco tempo depois não precisa mais, sendo necessário se desfazer para dar lugar ao novo produto que vai chegar. O autor exemplifica em seu livro, Vida para Consumo (2008), sobre serviços bancários, dizendo que, quando utilizamos diversos serviços do banco, somos considerados bons clientes, nossas ligações são rapidamente atendidas e encaminhadas ao melhor funcionário especialista. Por outro lado, quando não consumimos de acordo com o que o banco considera razoável, por sua vez, nossas ligações são encaminhadas para o fim da lista, fazendo-nos esperar e, quando atendidos, somos direcionados para um funcionário mediano, ou seja, seremos considerados consumidores desqualificados nessa sociedade de consumo, sociedade essa, na qual até as pessoas são consideradas produtos vendáveis.

A escola pode ser um agente importante para educar estudantes para um consumo mais consciente, pautados na reflexão, entre outros aspectos, sobre a produção e tratamento do lixo, sobre o uso de recursos naturais e como esse uso pode afetar o meio ambiente e a sociedade como um todo, sobre o que é obsolescência programada<sup>7</sup> e percebida<sup>8</sup>, que muitos equipamentos possuem, pois

---

<sup>7</sup> Obsolescência programada: “produtos são projetados para que se tornem lixo o mais rapidamente possível, seja porque foram programados para serem usados uma vez e jogados fora (ex.: garrafas PET), seja porque param de funcionar com o tempo (alguns eletrodomésticos), ou porque se tornam incompatíveis com outros produtos equivalentes com os quais se espera que trabalhem em conjunto (software e hardware)” (CONEF, 2014, p. 28).

conhecer esses aspectos contribui para que os estudantes compreendam que muitos fabricantes têm papel ativo no interesse do consumo fluido, tornando muitos objetos rapidamente substituíveis. Defendemos uma EF que ajude a tomar decisões mais fundamentadas considerando os aspectos individuais, familiares e sociais, visto que o objetivo da escola deve ser formar pessoas críticas, capazes de se inserir, discutir e transformar a realidade em que vivem, e a EF pode ser um tema gerador nessa discussão.

Consideramos que a EFE não tem o interesse de defender o que é certo ou errado na EF, mas em difundir informações para que se construa um pensamento e prática críticos frente ao modelo de consumo vivenciado, questionando a realidade de consumo de bens finitos. O referido tema deve contribuir para a formação ética dos estudantes, para que não sejam influenciados apenas pela lógica do mercado consumista, mas que reflitam considerando o cenário político, econômico e social.

Diante da importância e atual obrigatoriedade do tema nas escolas e pensando em referências de materiais didáticos para o trabalho com a EF, surge o questionamento: qual perspectiva de trabalho com EF os livros da ENEF abordam a partir de suas discussões propostas para professores e estudantes? Interessa-nos saber qual tipo de EF é difundida em seus livros, uma vez que a ENEF é constituída, em sua maioria, por instituições financeiras que, de acordo com Muniz e Jurkiewicz (2016), são um dos agentes de EF que, entre outros aspectos, tem uma EF voltada a produtos financeiros. Em nossa análise, temos como objetivo geral: Identificar, a partir da análise dos livros do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental propostos pela Estratégia Nacional de Educação Financeira, as possibilidades de trabalho com a Educação Financeira. Para isso, elencamos como objetivos específicos: (1) identificar áreas do conhecimento abordadas no material; (2) identificar conteúdos apontados pelo livro do professor; (3) categorizar as atividades propostas no livro do professor segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000); (4) analisar as orientações ao docente no material.

O presente artigo encontra-se disposto da seguinte forma: introdução; discussão do marco teórico, abordando um recorte da Educação Matemática Crítica; estudos de Educação Financeira; percurso metodológico; conhecendo o material de

---

<sup>8</sup> Obsolescência percebida: “novos produtos surgem no mercado com a intenção de fazer-nos jogar fora coisas que ainda são úteis e que se encontram em perfeito estado. Uma das formas com que isso é feito é mudando a aparência das coisas, de forma que todos percebam que você comprou o produto há alguns anos e, por isso, está “fora de moda”, “desatualizado”, enfim, há uma pressão social para consumir o produto novo” (CONEF, 2014, p. 28, 29).

análise; resultados; e nossas considerações. Na próxima seção abordaremos um recorte das discussões sobre Educação Matemática Crítica, nossa teoria de base para as análises. Posteriormente, contemplaremos estudos de pesquisadores que abordam a EF na perspectiva escolar, em materiais didáticos e em sala de aula.

### **Um recorte da Educação Matemática Crítica**

Estudos de Carraher, Carraher e Schliemann (1995) apontam que a Matemática usada no cotidiano de muitas crianças, principalmente das classes menos favorecidas, não é aproveitada na escola. Nas pesquisas dos autores no livro *Na vida dez, na escola zero*, mostram-se crianças, jovens e adultos em atividades que envolvem o uso da Matemática no trabalho e fora dele, ou seja, em situações informais e em situações de resolução de questões matemáticas de maneira formal, conforme aprenderam na escola ou em cursos profissionalizantes. O resultado foi que, em grande parte, o melhor desempenho era em situações fora da formalidade escolar.

Esses resultados propõem reflexões quanto à abordagem da Matemática em sala de aula que, em muitos casos, desconsidera os conhecimentos prévios dos alunos, não avalia como os erros acontecem, além de não propor reflexão sobre a consequência do erro dentro e fora do ambiente escolar. Neste sentido, questiona-se: o que muda na demanda pelo uso do raciocínio lógico matemático fora e dentro da escola? Os autores supracitados afirmam que é o sentido atribuído à atividade que está sendo realizada.

No presente estudo, corroboramos a afirmação realizada por Carraher, Carraher e Schliemann (1995) sobre a importância do sentido atribuído às atividades escolares, que estejam de acordo com o contexto cotidiano das crianças, criando situações para a resolução dos problemas muito próximas das formas que poderiam ser vivenciadas no dia a dia.

Nessa mesma perspectiva de uma Matemática com sentido, Skovsmose (2000) aborda a Educação Matemática Crítica (EMC), que é um movimento que questiona a Matemática convencional, que não considera os aspectos mais amplos da sociedade. Skovsmose (2007) considera que “se a educação matemática pode ser organizada de tal modo que desafie os aspectos subdemocráticos na sociedade, então podemos chamá-la Educação Matemática Crítica” (SKOVSMOSE, 2007, p. 264).

A EMC, dentre outros aspectos, estuda os ambientes de aprendizagem, que define dois paradigmas, o do exercício e o dos cenários para investigação. Dentro

desses paradigmas, Skovsmose (2014) faz três referências para desenvolvimento de ambientes de aprendizagem, conforme mostra o Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - Ambientes de Aprendizagem segundo Skovsmose

	Lista de Exercícios	Cenários para investigação
Referências à matemática pura	(1)	(2)
Referências a uma semirrealidade	(3)	(4)
Referências à vida real	(5)	(6)

Fonte: Skovsmose (2014, p. 54).

Na referência à matemática pura, o conteúdo matemático é trabalhado destituído de contexto, contendo apenas as notações simbólicas para a realização da atividade; na referência a uma semirrealidade, o conteúdo matemático é abordado apresentando aspectos semelhantes à realidade, contendo dados fictícios, criados exclusivamente para a atividade; e na referência à vida real, o conteúdo matemático é trabalhado a partir de fatos reais.

No paradigma do exercício o problema deve ser resolvido utilizando apenas os dados descritos, elementos que não aparecem no enunciado da atividade não serão relevantes. Ele acontece, de um modo geral, de maneira individual e possui apenas uma resposta correta. Os cenários para investigação, por sua vez, acontecem de maneira dialógica, levando à reflexão, à crítica e à ação.

Skovsmose (2000) nos fala sobre como ocorre o cenário para investigação:

Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formularem questões e procurarem explicações. O convite é simbolizado pelo “O que acontece se ... T” do professor. O aceite dos alunos ao convite é simbolizado por seus “Sim, o que acontece se ... T”. Dessa forma, os alunos se envolvem no processo de exploração. O “Por que isto...?” do professor representa um desafio e os “Sim, por que isto ... T” dos alunos indica que eles estão encarando o desafio e que estão procurando explicações. Quando os alunos assumem o processo de exploração e explicação, o cenário para investigação passa a constituir um novo ambiente de aprendizagem (SKOVSMOSE, 2000, p. 6).

Desta forma, os cenários para investigação só ocorrem se os alunos aceitam o convite, pois se baseiam na característica relacional. É importante ressaltar que Skovsmose (2000) não propõe o abandono do paradigma do exercício e não propõe apenas o uso de referências à vida real, pois para ele todos os ambientes são necessários em sala de aula. A defesa dele é de que as referências à vida real e aos cenários para investigação sejam mais presentes, com a finalidade que os estudantes investiguem o estudo em questão e desenvolvam diferentes olhares do conteúdo estudado.

O referido teórico discute, ainda, que as atividades devem ser dinâmicas e

perpassar as diversas possibilidades para que a criação de sentido na construção do conhecimento matemático possa se estabelecer coerentemente, habilitando os estudantes de modo que eles sejam capazes de aplicar em seu cotidiano o que aprenderam na escola. Ele ainda afirma que uma atividade na perspectiva do exercício, mesmo que na referência à matemática pura, pode se tornar um cenário para investigação, o que depende da mediação do professor.

No próximo tópico, apresentaremos alguns estudos que tratam da EF no geral e da EFE especificamente, destacando, entre outros, trabalhos que analisaram livros didáticos, material da ENEF e o trabalho de professores sobre EF, em sala de aula.

### **Estudos sobre Educação Financeira**

A EF se propõe, dentre outros objetivos, a conscientizar as pessoas diante do consumo, propondo reflexões como, por exemplo, precisar versus desejar, sustentabilidade, cidadania, ética, entre outros, contribuindo para o desenvolvimento da criticidade. Nesse intuito de propor reflexões, apresentamos a seguir estudos que se propuseram a mostrar algumas faces da EF.

Silva e Powell (2015) analisaram a perspectiva da OCDE, objetivando investigar como ela propõe educar financeiramente os indivíduos dos países membros, bem como levar o assunto para ser tratado na escola. Os documentos analisados pelos pesquisadores mostram uma preocupação em traçar o perfil dos países quanto à EF, para posteriormente haver a formulação de políticas públicas, buscando contemplar a melhoria dos conhecimentos e conscientização da população. Os pesquisadores concluíram que além de buscar melhorar o bem-estar das pessoas, a EF também melhoraria a economia dos países. De acordo com Silva e Powell (2015), uma população financeiramente alfabetizada:

(...) reverte em ações positivas para o governo ao tomar decisões mais fundamentadas e ao exigir serviços de maior qualidade, estimulando a concorrência e a inovação do mercado. Essas pessoas, supostamente preparadas para tomar decisões nesse universo, seriam menos propensas a fazer reclamações infundadas e mais propensas a gerir riscos financeiros para elas transferidos. Além disso, seriam menos propensas a reagir de maneiras imprevisíveis às condições de mercado, além de não necessitarem da ajuda financeira do governo (SILVA; POWELL, 2015, p. 17).

O estudo mostrou ainda que os governos filiados à OCDE aprovaram um documento contendo boas práticas de EF e conscientização, com o intuito de dar ideias de práticas positivas para implementação em outros países e uma preocupação em inserir o tema no âmbito escolar, pois dessa forma os cidadãos

teriam uma EF consolidada quando chegassem à idade adulta, pois quanto mais jovem, maior a receptividade a novos conceitos.

Pessoa (2016) realizou um estudo em que analisou o que havia sido produzido em dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 2013 e 2016, com o objetivo de identificar as tendências das pesquisas sobre a temática. A pesquisadora verificou que dos 101 trabalhos encontrados que falavam sobre EF, 58 estavam relacionados ao ensino e à educação, e a maioria destes estava localizado na área de Educação Matemática, tendo como temáticas mais recorrentes: Matemática Financeira, consumo, tomada de decisão frente a situações financeiras, produção de significados, situações cotidianas, financiamentos e amortizações. Os sujeitos mais estudados nessas pesquisas foram os alunos e a etapa escolar objeto de pesquisa mais investigada foi o Ensino Médio e uma das menos pesquisadas foram os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sobre a abordagem da EF em livros didáticos e como o assunto se apresenta, temos o estudo de Santos (2017), que analisou todos os livros de Matemática do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2016) do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Do universo de todas as coleções aprovadas pelo PNLD de 2016 (103 livros), 32 obras traziam algum trabalho com EF. Foram analisados o manual do professor e o livro do aluno. A análise foi feita à luz dos ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000). Foi percebido pela pesquisadora que, embora a EF não fosse colocada, ainda, de forma oficial nos documentos norteadores nacionais, os livros abordavam o tema, ainda que de maneira pontual. Nos 32 livros analisados, foram encontradas 48 atividades que abordavam a EF e em 26 delas, só foi possível ter certeza da temática através da análise do manual do professor. Tal fato endossa a importância de o professor consultar o manual e poder ver sugestões e discussões que podem ser trabalhadas a partir do tema proposto.

Embora o manual do professor seja um importante componente de auxílio nas aulas, nem sempre os professores o utilizam e, por tal fato, a pesquisadora indica a importância de que as atividades e discussões sobre EF apareçam de forma explícita no livro do aluno, propondo uma reformulação em obras futuras. Foi observado que a maioria das atividades de EF apresentava potencial para cenários para investigação, porém, devido à quantidade de atividades sobre EF ser muito pequena, não foi possível afirmar que os alunos estavam tendo uma formação crítica no que se refere ao tema. É preciso pensar a formação dos professores quanto à EF, pois o aprofundamento e a exploração das questões propostas pelo manual do

professor ou explicitamente no livro do aluno, vai depender da formação que o professor possui nessa área.

Com a finalidade de analisar a atuação do professor em sua abordagem na sala de aula com a EF, Silva (2018) analisou a prática docente de oito professores que lecionavam no 2º ano do Ensino Fundamental, com atividades de EF presentes em livros didáticos. O pesquisador selecionou duas atividades, uma com maior potencial para desenvolver cenários para investigação e uma com menor potencial para desenvolver cenários para investigação. As atividades usadas por Silva (2018) foram retiradas de livros de Matemática aprovados pelo PNLD (2016), que foram analisados por Santos (2017) em seu estudo e que, de acordo com a autora, possuíam potencial para o desenvolvimento de cenários para investigação, na perspectiva dos ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000).

Como resultado, o pesquisador percebeu, dentre outros aspectos, sobre as aulas mediadas pelos professores com as atividades sugeridas, que alguns não saíram de sua zona de conforto e não fizeram o “convite” aos alunos para a possível criação dos cenários para investigação, ou, quando faziam o convite, não permitiam o aprofundamento reflexivo por parte dos alunos. Apenas três professores conseguiram trabalhar na perspectiva dos cenários para investigação, um com a atividade de maior potencial para cenários de investigação e dois professores com a atividade de menor potencial para cenários para investigação.

Nenhum dos professores participantes da pesquisa de Silva (2018) tinha vivenciado formação na área de EF, o que pode explicar o conflito de ideias acerca do tema que alguns dos docentes apresentaram quando responderam à entrevista realizada pelo pesquisador. Algumas respostas afirmavam que EF era o uso consciente do dinheiro, outros disseram ser o Sistema Monetário, e outros não responderam. É possível que, com uma formação adequada sobre EF para os professores, eles consigam abordar o tema em suas aulas a partir do Sistema Monetário, que é um dos conteúdos oficialmente colocados nos currículos para a etapa de ensino pesquisada. Em decorrência do observado por Silva (2018) pudemos perceber a importância de uma formação de professores para trabalhar com EF desde a mais tenra idade.

Como a EF está sendo abordada nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Foi o questionamento que fundamentou o estudo de Oliveira (2017). Para desenvolvê-lo, a pesquisadora entrevistou um representante da gestão escolar e duas professoras, sendo uma que lecionava no 4º ano e outra que lecionava no 5º

ano na escola pesquisada, que era da rede privada de ensino de Pernambuco. A pesquisadora observou oito aulas sobre EF, sendo quatro no 4<sup>a</sup> ano e quatro no 5<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental e analisou as atividades propostas segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000).

Na observação das aulas, algumas atividades antes percebidas, no material didático adotado, como apenas pertencendo ao paradigma do exercício, foram modificadas, contemplando os cenários para investigação, a partir da abordagem da professora. Oliveira (2017) observou, ainda, que as professoras extrapolavam as atividades contidas no material. Avaliamos esse extrapolar de forma positiva, bem como a pesquisadora avaliou, pois as professoras incentivavam reflexões sobre o uso do dinheiro que envolviam a tomada de decisão e necessária reflexão para a ação, contribuindo, dessa forma, para a construção da autonomia das crianças.

Ainda sobre a discussão de material didático que subsidie as aulas sobre EF, o estudo de Silva (2017) analisou os livros do Ensino Médio da ENEF e suas relações com a Matemática. Foram identificados pela pesquisadora, no livro do aluno, conteúdos dependentes da Matemática para sua resolução. Os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000) foram usados na análise dos conteúdos matemáticos presentes nos livros do aluno e no manual do professor. No livro do professor, foram identificadas as relações entre a Matemática e os ambientes de aprendizagem que as orientações ao professor podem promover.

A pesquisadora aponta que o livro do professor não faz referência às relações da Matemática com a EF contidas no livro do aluno. Aponta ainda, que as atividades contêm potencial para cenários para investigação, mas que o material do professor em geral não explora bem esse potencial, precisando o docente possuir uma formação no contexto da EF e na perspectiva abordada pelo material a ser trabalhado com os alunos.

Ainda pesquisando sobre a ENEF, Vieira, Oliveira e Pessoa (2019) analisaram os materiais didáticos do 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental, considerando conteúdos, áreas do conhecimento e orientações ao professor. Identificaram em sua análise diversas áreas que se relacionam à EF, contemplando a interdisciplinaridade e a transversalidade do tema, estando de acordo com a proposta da BNCC (BRASIL, 2018). Apontam que em algumas atividades do livro do aluno, por si só, não se identifica claramente o trabalho com EF que se deseja desenvolver, sendo necessário acompanhar o que o livro do professor propõe. Tais resultados corroboram os de Santos (2017) e os de Silva (2017), que apontaram que

sem o manual do professor, em algumas atividades não é possível a identificação de como trabalhar a EF. As autoras consideram que o material didático trabalha na perspectiva escolar, evitando a concepção de mercado/bancos que visam apenas ao poupar agora para gastar depois. Basearam-se em Muniz (2016), tendo como princípios norteadores o convite à reflexão, a conexão didática, o princípio da dualidade e a lente multidisciplinar.

No próximo tópico apresentaremos o percurso metodológico e, em seguida, o material de análise.

### **Percurso Metodológico**

O presente estudo é de cunho qualitativo, método de análise documental no qual, de acordo com Ludke e André (1986), podemos tirar evidências para fundamentar alegações do pesquisador.

Analisamos neste estudo os livros Educação Financeira na Escola, elaborados pelo CONEF, sob orientação do MEC, no âmbito da ENEF. Analisamos os livros do aluno e do professor dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Este estudo se constitui como um complemento ao estudo de Vieira, Oliveira e Pessoa (2019), que analisou os livros do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental da ENEF.

Objetivamos Identificar, a partir da análise dos livros do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental propostos pela Estratégia Nacional de Educação Financeira, as possibilidades de trabalho com a Educação Financeira. Para isso, elencamos como objetivos específicos: (1) identificar áreas do conhecimento abordadas no material; (2) identificar conteúdos apontados pelo livro do professor; (3) categorizar as atividades propostas no livro do professor segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000); (4) analisar as orientações ao docente no material.

A análise foi iniciada pelo livro do professor, mas, com o intuito de obtermos uma melhor compreensão da abordagem dos conteúdos, passamos a explorar o livro do professor e o do aluno concomitantemente.

Apesar de defendermos uma EF transversal, que se relacione às diversas áreas do conhecimento, nosso recorte de análise de atividades foram as de Matemática e as de EF que se relacionam com a Matemática contidas no livro do professor, pois a teoria da EMC, na qual Skovsmose (2000) discute os ambientes de aprendizagem, trata especificamente dessa área de conhecimento.

Para quantificar e classificar as atividades de acordo com os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000), consideramos cada um dos itens propostos como sendo atividades diferentes. Dizemos isso porque algumas atividades

apresentavam itens separados: A, B, C, ou 1, 2, 3, por exemplo, e a classificação no que se refere aos ambientes de aprendizagem não era a mesma para todos os itens da atividade.

Para apurar as atividades que se relacionavam diretamente com EF das que não se relacionavam diretamente, nosso critério de classificação foi separar as que apresentavam explicitamente (em sua composição) uma reflexão sobre EF das que não apresentavam essa reflexão. Inferimos que essas atividades que não se relacionavam diretamente com a EF estavam sendo utilizadas em função da escolha didática do programa, em focar mais nos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, e que essa abordagem precedida de atividades de EF era necessária, na visão deles, para que o estudante dominasse instrumentos e conceitos que o auxiliasse a interpretar aspectos do tema EF.

Salientamos que escolhemos apontar as atividades contidas no livro do professor porque constatamos que o livro do aluno do 4º ano quase não apresentava atividades. Em geral, apresentava textos informativos e, apenas a partir da leitura do livro do professor, era possível perceber o que se pretendia trabalhar no livro do aluno.

No próximo tópico apresentaremos a estrutura geral do material de análise. Em seguida, os resultados e discussão.

### **Conhecendo o material de análise**

Quanto à estrutura geral do livro do professor do 4º ano e do 5º ano, o material é composto por duas partes, a parte I (comum aos dois livros) apresenta o conceito pedagógico, o que alicerça o programa Educação Financeira nas Escolas. A parte II apresenta o livro do aluno, os conteúdos trabalhados e encaminhamentos didático-pedagógicos. No fim do livro há um glossário com os conceitos financeiros mais relevantes, além de indicação de bibliografias e websites.

A parte I aborda, em sete itens, uma breve discussão sobre conceitos pedagógicos, que abrangem o que é EF e o motivo de incluí-la na escola, os objetivos e competências que são trabalhados no livro. Na apresentação, destaca-se que os livros do 1º ao 4º ano abordam a EF utilizando uma proposta metodológica diferente da utilizada para o 5º ano. Os livros do 1º ao 4º ano trabalham com eixos temáticos e conteúdos sociais. Os livros do 5º e 6º ano trabalham com narrativas imaginárias, conhecidas como aventura solo ou livro jogo. Nesse tipo de abordagem, o leitor participa da história, fazendo escolhas quanto ao curso da história.

A parte II, no livro do 4º ano, trata da apresentação dos projetos e propõe

encaminhamentos metodológicos com as atividades contidas no livro do aluno, sugerindo outras atividades. Discute que os livros da ENEF levam em consideração as orientações do Programa Nacional de Livro Didático – PNLD, tanto no que se refere ao livro do aluno, em que é necessário construir conhecimentos, desenvolver competências voltadas para a criticidade, a cidadania e a autonomia, como no livro do professor, que deve abordar elementos que propiciem a atualização do docente em diversos aspectos, com informações corretas e atualizadas nas áreas que abordam. Informa que o livro do aluno tem a estética de literatura infantil. Também são apresentados aspectos e elementos do livro do professor.

Os conteúdos sociais que são trabalhados em cada eixo temático têm o objetivo de fazer uma conexão entre a EF e o cotidiano dos alunos, que cada professor na aplicação dos projetos deve adequar à realidade cultural local.

Na parte II do livro do 5º ano anuncia-se que o livro é composto por três histórias e no final de cada uma tem-se uma atividade. O tema principal das histórias é Meio Ambiente, abordando o conceito dos cinco erres (Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar). Sugere-se, para o planejamento das aulas, duas etapas: a etapa 1 destina-se à ação do professor, em que ele definirá em seu planejamento os dias de realização das leituras da história e poderá propor de forma interdisciplinar junto a outros professores. A etapa 2 destina-se à ação com os alunos, em que o professor conversará com a turma sobre o que é a proposta de uma aventura solo e as regras de acordo com a proposição para cada história, seguida de leituras realizadas pelos alunos e uma conversa pós-leituras para que apresentem suas atividades realizadas e percepções do percurso da história. Após a leitura das três histórias, a atividade final consiste em realizar um projeto na escola sobre o meio ambiente para divulgar o conceito dos cinco erres.

No próximo tópico apresentaremos os resultados da análise dos livros, com discussão sobre orientações ao docente contidas no livro do professor, áreas do conhecimento e conteúdos, categorização das atividades segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000) e, posteriormente, nossas considerações.

## **Resultados e discussões**

Encontramos nas orientações ao professor do 4º ano que em cada projeto há textos complementares que têm a função de auxiliar na formação do professor para abordagens dos assuntos propostos, como podemos acompanhar na Figura 1. Nas sugestões é indicado que os professores conversem com os alunos de forma provocativa, fazendo eles explicitarem o que já sabem, como podemos acompanhar

na Figura 2. Consideramos tal abordagem interessante, pois o levantamento de conhecimentos prévios é importante, na medida em que se parte de um conhecimento estabelecido para outros mais elaborados, em que conhecimentos novos vão se complementando aos anteriores.

Figura 1 - Texto complementar de informação para o professor

**O estudo da história do dinheiro** pode contribuir para a construção dos múltiplos significados das riquezas, em função da diversidade de características de cada contexto histórico de diferentes povos. Por meio da história do dinheiro, as crianças verão, por exemplo, que as guerras napoleônicas trouxeram toda a corte portuguesa para o Brasil, e, em consequência disso, o país ganhou grande impulso em várias áreas, inclusive na financeira: “em 1808, D. João VI criou o Banco do Brasil, o primeiro banco da América do Sul e o quarto do mundo.”

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 37.

Figura 2 - Sugestões de perguntas para orientar o professor

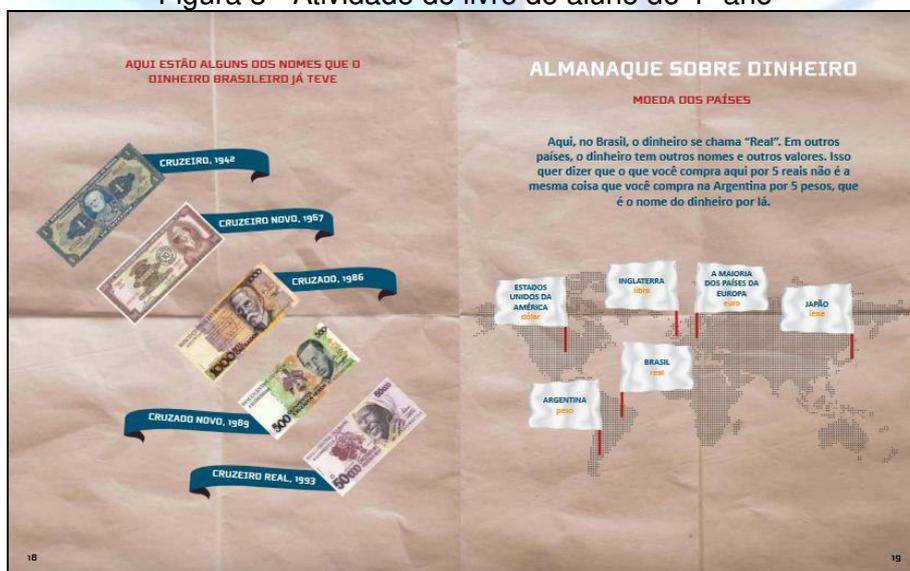
Faça as seguintes perguntas para as crianças: sabia que há muito tempo o sal era usado como dinheiro? Será que eles pesavam o sal? Como medimos hoje a quantidade de sal?

Para iniciar um trabalho sobre o nosso **sistema de medidas**, converse com as crianças sobre as diferentes formas que temos para medir as coisas:

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 38.

Corroborando os estudos de Silva (2017) e Vieira, Oliveira e Pessoa (2019), em muitos casos não foi possível perceber, sem o livro do professor, qual era o objetivo referente à EF e as relações com os conteúdos que eram possíveis de se estabelecer, como podemos acompanhar nas Figuras 3 e 4. Deste modo, reforçamos que o manual do professor é um importante instrumento de trabalho para compreender possibilidades que o material propõe, do mesmo modo que foi apontado pelo estudo de Silva (2018).

Figura 3 - Atividade do livro do aluno do 4º ano



Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do aluno - 4º ano, p. 18 e 19.

Figura 4 - Orientação ao professor sobre as páginas do livro do aluno apresentadas na Figura 3

**PÁGINAS 18 e 19**

Convide pessoas mais velhas para contar por quantos nomes diferentes de dinheiro passou em sua vida, e por que isso aconteceu. O Brasil teve 9 moedas. A primeira foi o Real, apelidado de Réis (como se tornou mais conhecido, que vem desde a época do Brasil Colônia até a República). Além das moedas representadas no livro, tivemos ainda: Real/Réis (de 1500 a 1942); Cruzeiro (1970); Cruzeiro (1990). A moeda atual é o Real (desde 1994).

Aproveite para perguntar se alguém já viu ou possui cédulas antigas ou moedas. Seria interessante, inclusive, promover uma exposição desse material, que poderia envolver todas as turmas da escola. Quem possuísse cédulas ou moedas que já saíram de circulação poderia trazê-las para serem expostas.

Observe o mapa-múndi do Livro do Aluno com as crianças. Faça-as explicar o que entendem a respeito do mapa e das bandeirinhas com nomes de moedas espetadas em certos países. Pergunte se conhecem aquelas palavras – real, dólar, euro etc. Leve para a sala o mapa-múndi maior e explore-o de acordo com as possibilidades de entendimento da sua turma, perguntando, dentre as seguintes sugestões, as que forem pertinentes: em que continente se encontra cada país destacado no mapa? O que é país? Onde termina um país e começa outro? Quem decide isso? Quais são os países “vizinhos” do Brasil? O Brasil é vizinho dos Estados Unidos? Estão no mesmo continente ou em continentes diferentes? O que é continente?

A partir da constatação que cada país tem sua moeda, inicie uma conversa com as crianças perguntando se sabem que as pessoas que viajam para fora do Brasil têm que trocar suas notas em Real por notas do país de destino.

Para saber quanto vale a moeda de cada país é necessário consultar o jornal do dia ou, o que é mais confiável, o site do Banco Central do Brasil.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 40 e 41.

Em outras análises de livros aprovados pelo PNLD, como a análise de Santos (2017), a pesquisadora apontou o mesmo resultado: sem o manual do professor não é possível perceber, em algumas atividades, a relação que se deseja fazer com a EF. Portanto, consideramos o uso do livro do professor um importante instrumento. É possível perceber, a partir das orientações ao professor, que essas perguntas podem suscitar investigações sobre variados assuntos, como a moeda de cada país, leitura do mapa-múndi, câmbio, entre outros, o que nos remete aos ambientes de aprendizagem descritos por Skovsmose que, embora, abordem para a área do conhecimento de Matemática, o contexto de investigação pode se estender a diversas áreas, pois ainda que as atividades não sejam especificamente de Matemática, podemos ampliar o olhar sobre os ambientes de aprendizagem de Skovsmose para outras áreas do conhecimento e explorar o contexto de investigação. Nessa orientação, essas perguntas realizadas pelos professores simbolizam o “convite” para que os alunos se envolvam em um cenário para investigação, que se efetivará, caso os alunos aceitem o convite e participem das discussões e pesquisas.

Ressaltamos ainda, que no livro do professor do 4º ano são trabalhados conceitos abordando as trocas intertemporais, conceito trabalhado por Muniz e Jurkiewicz (2016) baseados em Gianetti (2005), como podemos observar a orientação ao professor na Figura 5, mais adiante. Muniz explica, que as trocas intertemporais são escolhas relacionadas aos sacrifícios versus benefícios intermediados pelo tempo e que essas escolhas interferem não apenas a nível pessoal, mas também no coletivo. Consideramos uma colocação pertinente, pois as discussões de EFE devem ser pautadas na reflexão sobre o uso de bens finitos e como esse uso se relaciona com o tempo, afetando o presente e o futuro.

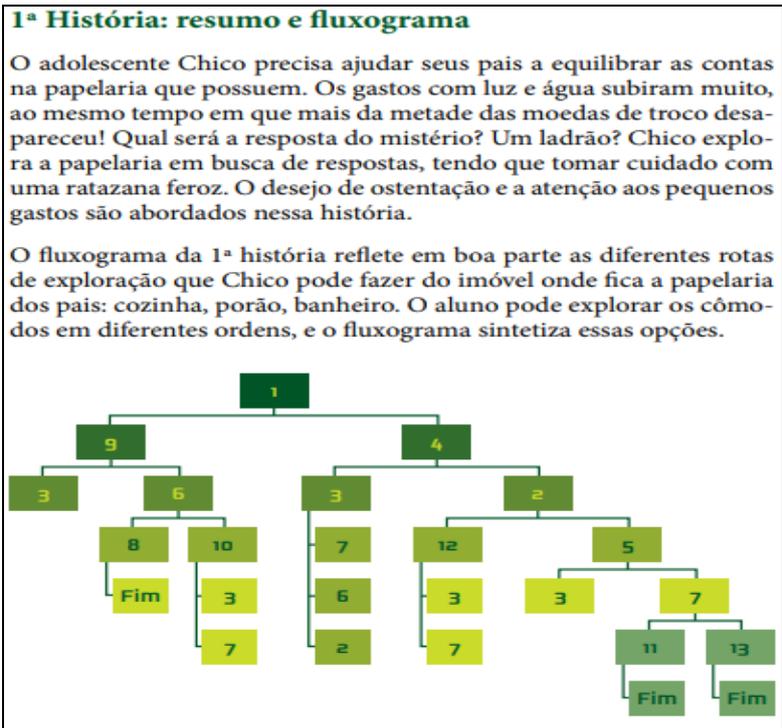
Figura 5 - Exemplo de orientação ao professor sobre trocas intertemporais

Em Educação Financeira, é muito importante **compreender as interconexões** da nossa vida particular com o que acontece ao nosso redor (trocas interesaciais) e as interconexões do que fazemos no tempo presente com o tipo de vida que haverá futuramente no mundo (trocas intertemporais). A fábula “A cigarra e a formiga”, que é mencionada no bloco anterior, oferece gancho para se falar dos dois tipos de troca: a cigarra está focada apenas no espaço de sua vida pessoal e do tempo presente; as formigas estão articuladas no espaço social para prover um bom futuro para toda a comunidade. Com base na situação desses personagens, você pode **promover um debate** na turma sobre o tema **trocas**.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 70.

Nas orientações ao professor do 5º ano o livro do professor apresenta as histórias, apontando as escolhas mais adequadas e as menos adequadas que os alunos farão com os personagens que eles representarão, pois trata-se de um livro jogo. No entanto, é orientado que após a primeira leitura cada aluno percorra os caminhos não escolhidos anteriormente, ou seja, optando por escolhas diferentes das feitas durante a primeira leitura. Entendemos que essa orientação colabore para uma reflexão feita pelo aluno sobre a consequência de cada escolha e para que ele visualize outras possibilidades de decisões e possíveis consequências. Antes de cada história é apresentado um resumo da história e um fluxograma com os possíveis caminhos, mostrando que de acordo com as escolhas que os estudantes façam com os personagens do livro, as histórias terão finais diferentes, como podemos acompanhar na Figura 6.

Figura 6 - Resumo e fluxograma da 1ª história do livro do 5º ano



Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 5º ano, p. 33.

Verificamos que a partir das atividades colocadas no livro do aluno é possível compreender qual é o objetivo de trabalho, pois todas as atividades se relacionam diretamente com a EF. O livro do professor valida esses objetivos percebidos a partir do livro do aluno, o que consideramos positivo, pois nem sempre o professor tem acesso ao manual do professor.

As histórias que aparecem no livro apresentam semelhanças com situações vivenciadas no cotidiano dos alunos, o que contribui para uma aprendizagem com sentido, como abordado por Carraher, Carraher e Schliemann (1995), em que conhecimentos que façam sentido no dia a dia dos discentes são melhores compreendidos. As Figuras 7 e 8 mostram um trecho da história e a atividade solicitada após a história. Podemos notar que na Figura 8, além das atividades o livro do aluno apresenta dicas e exemplos de critérios para auxiliar o estudante a refletir sobre o consumo no cotidiano, o que consideramos apropriado para o trabalho com o tema EF e pode gerar discussões no âmbito da sala de aula dentro dos Cenários para investigação.

Figura 7 - Trecho da 1ª história do livro do 5º ano



A sua família conseguiu tudo que tem com muito trabalho e perseverança, e evitando gastar demais. Assim, montaram uma papelaria e compraram um apartamento perto dela, o que permite que, seu pai, Seu Mário possa ir até o trabalho a pé. Sua mãe, Maria José, reveza com seu pai o trabalho na papelaria; Você e sua irmã Maria Aparecida (Cida) gostam de ajudar, mas como seus pais querem que vocês deem preferência aos estudos, eles contrataram um funcionário, o Josimar.

Quando você chega da escola, encontra o seu pai e a sua mãe conversando muito preocupados:

- Não sei mais o que fazer, Maria. As contas não param de subir e já procurei as moedas por toda parte e não encontro!
- Você não está achando que o Josimar...
- De forma alguma, eu confio no rapaz. Mas, não sei o que fazer. Vamos ter que apertar o cinto, cortar despesas até a situação melhorar. Estamos chegando perto do Dia da Criança, então as vendas devem aumentar.
- Posso ajudar, pai? – você pergunta ansioso.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do aluno - 5º ano, p. 10.

Figura 8 - Atividades solicitadas após a 1ª história no livro do 5º ano

**1ª Tarefa**

Você já observou os seus hábitos de consumo? Você costuma deixar a torneira aberta enquanto escova os dentes ou demora muito no banho? Deixa a porta da geladeira aberta ou esquece a luz acesa? Além desses desperdícios óbvios, podemos pensar em outros, como não aproveitar o verso das folhas de papel para rascunho, não usar o tubo de pasta de dente até o final, colocar comida demais no prato e jogar o resto fora, dentre outros. E, é claro, esquecer moedas pela casa. Procure identificar pelo menos um gasto que poderia ser reduzido em sua casa e anote como isso poderia ser feito.

É importante ter critérios ao fazer compras e tomar cuidado para controlar os gastos, evitando desperdícios. Muitas vezes compramos por impulso ou para acompanhar os outros ou até para nos exibir e nos arrependemos depois, porque gastamos dinheiro com algo que não era realmente importante. Isso também é desperdício. Por isso, antes de comprar algo, faça o teste dos 3 “Sins”:

1. Preciso?
2. Tenho dinheiro?
3. Tem que ser hoje?

Se você responder honestamente SIM às 3 perguntas, não é uma compra impulsiva e você poderá fazê-la sem grandes preocupações.

**2ª Tarefa**

Você já viu um recibo? E uma nota fiscal? Pegue com sua família pelo menos dois recibos e duas notas fiscais e compare as informações que vêm em cada um. São as mesmas ou há diferenças? Anote suas conclusões e compare com as de seus colegas.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do aluno - 5º ano, p. 28 e 29.

Sobre áreas do conhecimento e conteúdos abordados nos livros do professor dos 4º e 5º anos, verificamos que o livro do professor do 4º ano faz relações transversais entre as áreas do conhecimento e conteúdos, na abordagem da EF. O livro aborda alguns conceitos da temática EF, da Língua Portuguesa, da Matemática, da História, da Geografia e da Arte, buscando desenvolver um trabalho com conteúdos dessas áreas do conhecimento na perspectiva da EF, no entanto, percebemos que, além da própria EF, as áreas de Língua Portuguesa e Matemática, no livro do 4º ano, são exploradas com maior intensidade, pois a ENEF se compromete de forma explícita com essas duas áreas do conhecimento, no intuito, segundo a própria ENEF (CONEF, 2014), de cooperar na aprendizagem dos alunos

e melhorar os resultados deles nessas áreas. Mais adiante, a Figura 9 exemplifica uma atividade trabalhada no contexto da Língua Portuguesa ao explorar a fábula “A cigarra e a formiga” associando a possíveis contextos dos estudantes.

Evidenciamos que todos os conteúdos são encontrados explicitamente no livro do professor, ou seja, para um trabalho satisfatório em sala de aula abordando interdisciplinarmente várias áreas do conhecimento integradas à EF, é necessário utilizar o livro do professor para preparar as aulas.

Ressaltamos ainda que os conteúdos abordados estão de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018) e destacamos que, especificamente na área da Matemática, que tomamos para análise, são abordadas as unidades temáticas Geometria, Grandezas e Medidas, Número, Estatística e Probabilidade e Álgebra, além do trabalho transversal com outras áreas do conhecimento.

O conteúdo da EF é aludido de forma transversal e integrada às diversas áreas do conhecimento, conforme aborda a BNCC (BRASIL, 2018), embora no ano de lançamento dos livros da ENEF (2014), a BNCC não existia e a EF ainda não era obrigatória na escola. Assim, o lançamento dos livros com download disponível de forma gratuita, permitindo que escolas públicas e privadas pudessem fazer uso, já demonstrava grande progresso na abordagem do tema. É interessante ressaltar que em 2009 houve um projeto de lei (nº 171/09) que cogitou incluir a disciplina EF no currículo do Ensino Fundamental anos finais (6º aos 9º anos), tendo sido vetado em 2013<sup>9</sup>. Em 2014, com a instituição do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014 - 2024), a BNCC começou a ser elaborada para o alcance das metas 1, 2, 3 e 7<sup>10</sup> e foi recomendada a abordagem da EF de forma transversal e integradora.

Quanto ao livro do professor do 5º ano, são indicados alguns conceitos que aparecem nas histórias e aponta-se o desenvolvimento em alguns aspectos na área de Língua Portuguesa, que trabalha a competência de leitura e conceito de autoria, já para a Matemática

privilegia o caráter construtivo do conhecimento matemático, permitindo ao aluno compreender e transformar sua realidade, desenvolver a capacidade de observar, estabelecer relações, argumentar matematicamente e relacionar observações do mundo real com representações (esquemas, tabelas, figuras, escritas numéricas) e relacionar essas representações com princípios e conceitos matemáticos (CONEF, 2014, p. 19).

---

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/93105>>.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://movimentopelabase.org.br/linha-do-tempo/>>.

No entanto, o foco é nos conceitos de EF, para auxílio na tomada de decisão. Consideramos tal fato ideal, já que o livro é específico sobre o tema, e propõe enriquecer o trabalho com EF em sala de aula. Como exemplo dos conteúdos de EF estão: consumismo, desperdícios, obsolescência programada e percebida, patrimônio, sustentabilidade, relação risco/retorno, poupança programada, entre outros. Tais conteúdos podem provocar reflexões sobre aspectos sociais, econômicos e políticos, o que corroboram nossa visão de EFE.

A seguir, apresentaremos atividades encontradas segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2014) contidas no livro do professor do 4º e 5º anos e atividades do livro do professor que possuem e as que, ao nosso ver, não possuem relação direta com a EF.

Em relação às atividades segundo os ambientes de aprendizagem de Skovsmose no livro do professor do 4º ano, encontramos 52,5% das atividades<sup>11</sup> com potencial para cenários para investigação, sendo a maior parte com referência à vida real. Tal fato pode auxiliar os alunos na reflexão sobre a EF e, ainda, relacionar os conceitos ao cotidiano deles, conforme podemos acompanhar nas três alternativas da Figura 9.

Figura 9 - Atividade com potencial para cenários para investigação

A fábula “A cigarra e a formiga” exemplifica uma questão muito comum na vida das pessoas hoje em dia. Imagine que você esteja passeando e se depare com uma loja com aquele brinquedo com que você sempre sonhou, mas não tem dinheiro para comprar. O que você faz?

- Pede para alguém da sua família comprar o brinquedo no cartão, em 3 vezes, afinal você merece. Nunca se sabe o dia de amanhã, e você vai ser melhor com este brinquedo novo.
- Não compra o brinquedo naquele momento, volta para casa e começa a planejar o que fazer para economizar e comprá-lo daqui a 3 meses.
- Não compra o brinquedo naquele momento e nem depois. Você tem outros objetivos mais importantes que deseja cumprir antes da compra do brinquedo.

As três alternativas demandam reflexões.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 67.

É interessante destacar que cada alternativa pode representar de forma mais aproximada a realidade de diferentes estudantes, e o professor pode explorar essa

<sup>11</sup> As que foram analisadas, pois, como afirmado anteriormente, analisamos apenas atividades de Matemática e as de EF que se relacionam com a Matemática (foram analisadas 40 atividades e sugestões de atividades do livro do professor) pois, a teoria da EMC, proposta por Skovsmose trata especificamente da Matemática.

atividade em diversos aspectos, como aponta o estudo de dissertação, em andamento, da primeira autora.

Observamos, ainda, que há uma quantidade considerável de atividades no paradigma do exercício, 47,5%, que dependendo da abordagem do professor em propor uma reflexão para além do que o livro do professor orienta, pode ser transformado em cenários para investigação, como indica Skovsmose (2000; 2014), como poderemos acompanhar nas Figuras 10 e 11, mais adiante.

No livro do 5º ano são propostas apenas sete atividades<sup>12</sup> e todas caracterizam-se com potencial para cenários para investigação. Embora o quantitativo de atividades seja pequeno, há possibilidades variadas de o professor propor uma discussão a partir das histórias, como também das atividades propostas, pois cada criança pesquisará de seu cotidiano, dentre outras possibilidades, algumas situações que apareceram nas histórias e podem sugerir soluções para os problemas apresentados, conforme exemplificamos anteriormente, nas Figuras 7 e 8. Diante de tais situações, poderá ser promovido o convite à investigação entre professores e estudantes, como cita Skovsmose (2000) no que se refere aos cenários para investigação.

Quanto às atividades e suas possíveis relações com a Educação Financeira, verificamos que muitas atividades do livro do 4º ano não se relacionam diretamente com a EF, apenas 37,5% das atividades analisadas têm relação direta com a temática, como podemos acompanhar abaixo, nas Figuras 10 e 11. No livro do 5º ano, por sua vez, 100% das atividades têm relação direta com a EF e ainda é possível, por meio das atividades, observando apenas pelo livro do aluno, compreender a sugestão de trabalho e as reflexões propostas sobre EF, como foi demonstrado nas Figuras 7 e 8.

Figura 10 - Atividade classificada como exercício, com referência a matemática pura

Para o ditado, sugerimos os seguintes números: 720 089 - 7 289 - 700 289 - 789 002.

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 32.

Figura 11 - Atividade classificada como exercício com referência a uma semirrealidade, com potencial para trabalhar EF

<sup>12</sup> Todas as atividades do livro do professor do 5º foram analisadas, pois todas (sete atividades) são de EF e se relacionam direta ou indiretamente com conceitos matemáticos.

Carlos ganha R\$ 1.245,00 por mês. Em sua casa moram, além dele, duas pessoas: a esposa e uma filha pequena. Sua esposa recebe mensalmente R\$ 545,00.

a) Qual a **receita** dessa família?

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 49.

Nas Figuras 10 e 11 temos atividades classificadas como exercício, pois elas não propõem (em si) nenhuma reflexão, sendo a Figura 10 com referências à matemática pura e não possuindo relação com a EF. Já a Figura 11 está classificada como exercício, uma vez que o estudante pode apenas responder o que se pede, sem refletir necessariamente sobre receita e seu oposto, as despesas, por exemplo, está na semirrealidade, pois, de acordo com Skovsmose (2000; 2014) é uma situação hipotética, criada para essa atividade. Apesar disso, através do “convite” do professor e “aceite” dos estudantes, pode haver uma discussão a partir dessa questão. Se o docente apenas entregar o exercício, será verificada apenas a habilidade do aluno em calcular. Defendemos que, mais do que apenas saber a resposta correta para o cálculo, o estudante reflita e discuta sobre os conceitos-chaves da questão, para que essa discussão o auxilie em tomadas de decisões futuras, de posse da informação e conhecimento adquiridos através do debate proposto pelo docente, intermediado pela atividade, considerando o contexto social e cultural da comunidade escolar.

Na Figura 12, por sua vez, temos uma atividade classificada como possuindo potencial para cenários para investigação, com referências a uma semirrealidade, como podemos observar a seguir.

Figura 12 - Atividade classificada como tendo potencial para cenários para investigação com referência a uma semirrealidade, e que se relaciona diretamente com a EF

e) O que vocês acham melhor: esperar esse tempo para comprar a geladeira à vista com desconto ou pagar a prestação de R\$ 100,00 todo mês durante 12 meses? Como vocês pensam em ajudar a família de Carlos a decidir?

Fonte: CONEF – Ensino Fundamental – Livro do professor - 4º ano, p. 50.

Nessa atividade, além de mobilizar conceitos matemáticos, é necessário refletir sobre qual decisão seria a mais adequada naquele momento e o porquê. Além de verificar mais de uma possibilidade de resposta correta, o discente poderá ainda pesquisar/refletir sobre outras. Neste caso a atividade em si propõe reflexão, o que julgamos ser bastante interessante, uma vez que o estudante, ainda que sem a mediação do professor, tem possibilidades de desenvolver reflexões importantes no que se refere à EF.

Quando avaliamos que a atividade não tem relação direta com a EF, como ocorreu com algumas das atividades indicadas no livro do professor do 4º ano e mostrado como exemplo nas Figuras 10 e 11, podemos, em muitos casos, dizer que essa relação indireta remete ao potencial para trabalho com EF, uma vez que tal abordagem dependerá do “convite” que o professor fará à turma, para uma possível discussão, como no caso da Figura 11. No entanto, não havendo esse “convite” a atividade por si só não propõe reflexão sobre o tema.

Quando um material se propõe a discutir a EF, acreditamos que o mesmo deve apresentar, no corpo de suas atividades, reflexões importantes que levem a um maior entendimento acerca da temática trabalhada. Deixar o papel de mediação exclusivamente nas mãos dos docentes, que ainda não possuem formação adequada, inicial ou continuada, para o trabalho com a EF, pode comprometer a discussão sobre a temática, uma vez que a perspectiva trabalhada pode não ser a mais adequada para a formação de sujeitos reflexivos.

Além disso, é importante que as atividades apresentem a discussão sem que ela esteja atrelada, necessariamente, ao manual do professor. Ele deve servir como um instrumento complementar, mas não como um definidor do potencial de cada uma das atividades propostas. Em nossa análise encontramos as duas situações: 1) o livro do aluno do 4º ano, no qual grande parte da proposta de atividade apenas será compreendida a partir da utilização do livro do professor; 2) o livro do 5º ano, em que todas as atividades se relacionam diretamente com a EF e o livro do aluno não depende do manual do professor para compreensão e desenvolvimento das atividades propostas.

A seguir, apresentamos algumas considerações a partir dos resultados encontrados e das análises nesse estudo realizadas.

### **Considerações finais**

Diante da importância e atual obrigatoriedade do tema nas escolas e pensando em referências de materiais didáticos para o trabalho com a EF, a questão que norteou nossa busca foi: qual perspectiva de trabalho com EF os livros da ENEF abordam a partir das discussões propostas para professores e alunos? Interessamos saber qual tipo de EF é difundida em seus livros, tendo em vista a composição da ENEF ser constituída, em sua maioria, por instituições financeiras, pois a EF que defendemos não deve ser pautada apenas em informações sobre produtos financeiros, mas que considere aspectos individuais, familiares, culturais e sociais.

Percebemos que os livros contribuem para uma EF na perspectiva escolar em que não se defende o que é certo ou errado, mas apresentam informações para que, diante das possibilidades de consumo, o indivíduo tome uma decisão, pois são propostas reflexões sobre desejar versus precisar, consumismo, desperdício, juros, obsolescência programada e percebida, entre outros conceitos, trabalhando os aspectos individuais, familiares e sociais.

Compreendemos, ainda, que a discussão se afasta da concepção de EF de mercado que visa “guardar hoje para consumir amanhã” e não é centrada em produtos financeiros, uma vez, que o livro tem o intuito de trabalhar as vertentes informação e formação, com maior ênfase na formação (CONEF, 2014). A proposição da EF acontece, em geral, de forma transversal e integradora entre as áreas do conhecimento, como propõe a BNCC (BRASIL, 2018). Ressaltamos que para uma formação mais efetiva em EF é importante, dentre outros aspectos, dominar conhecimentos matemáticos, pois mesmo que a tomada de decisão nem sempre aconteça a partir de reflexões matemáticas, pode estar embasada matematicamente, conforme apontam Muniz e Jurkiewicz (2016) quando discutem os elementos matemáticos e não matemáticos que intermediam tomadas de decisões.

Consideramos que, em geral, os livros trazem boas oportunidades para a construção de cenários para investigação, porém, consideramos que algumas atividades propostas no livro do 4º ano não se relacionam necessariamente ou diretamente com a EF, o que consideramos como possíveis fragilidades no material, já que ele se apresenta como material para o ensino de EF. Entendemos que tais atividades são dispensáveis, uma vez que há os livros didáticos para este fim.

No que se refere ao livro do 5º ano, consideramos que, por permitir um envolvimento maior entre o que o livro propõe e o aluno, sem necessariamente o professor ditar cada passo para o aluno, permita maior autonomia aos estudantes, além de permitir uma flexibilidade maior para o professor, pois conhecendo as orientações gerais, a partir das atividades propostas no livro do aluno, é possível perceber o que pode ser trabalhado, o que não acontece no livro do 4º ano.

Para uma melhor compreensão da aplicabilidade dos livros em sala de aula, bem como a proposição dos ambientes de aprendizagem, seriam necessários novos estudos que contemplassem a sala de aula, com professor e alunos fazendo uso dos livros da ENEF dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de modo que, por

meio de entrevistas com professores e alunos, pudéssemos visualizar melhor as impressões de professores e estudantes quanto ao uso dos livros.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Ed Zahar. 2008.

BRASIL. Atividade Legislativa: **Projeto de Lei da Câmara nº 171**, de 2009, Senado Federal, Brasília, DF, 2013. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/93105>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

BRASIL. **Brasil**: Implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira, 2013. Disponível em <[https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia\\_Nacional\\_Educacao\\_Financeira\\_EN\\_EF.pdf](https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_EN_EF.pdf)>. Acesso em 13 de mai. 2019.

BRASIL. **Decreto 7.397 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Brasília: DOU - Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U de 23 de dezembro de 2010. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7397-22-dezembro-2010-609805-normaatuizada-pe.html#:~:text=397%2C%20DE%2022%20DE%20DEZEMBRO%20DE%202010.%20Institui,sobre%20a%20sua%20gest%C3%A3o%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs>>. Acesso em 13 de mai. 2019.

BRASIL. **Decreto 10.393 de junho de 2020**. Institui a nova Estratégia de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. Brasília: DOU - Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U de 09 de junho de 2020. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm)>. Acesso em 10 de out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação: **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARRAHER, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analúcia; **Na Vida Dez na Escola Zero**, 10 edição, São Paulo, Cortez, 1995.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 4º ano. 1ª edição – Brasília: CONEF, 2014. Disponível em <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do professor 4º ano. 1ª edição – Brasília: CONEF, 2014. Disponível em <<https://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do aluno 5º ano. 1ª edição – Brasília: CONEF, 2014. Disponível em <<https://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

CONEF. **Educação Financeira nas Escolas**: Ensino Fundamental: livro do professor 5º ano. 1ª edição – Brasília: CONEF, 2014. Disponível em <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

MOVIMENTO PELA BASE NACIONAL COMUM. **Linha do tempo**, 2017. Disponível em <<http://movimentopelabase.org.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em 22 de jun. 2018

MUNIZ, Ivail. Educação Financeira e a sala de aula de Matemática: Conexões entre a pesquisa acadêmica e a Prática Docente. **Encontro Nacional de Educação Matemática**. São Paulo- SP, 13 a 16 de julho de 2016.

MUNIZ, Ivail; JURKIEWICZ, Samuel. Tomada de decisão e trocas intertemporais: uma contribuição para a construção de ambientes de educação financeira escolar nas aulas de matemática. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v.6, n.3, set/dez 2016.

NICOLESCU, Basarab. **Que Universidade para o amanhã?** Em busca de uma evolução transdisciplinar da universidade. Congresso Internacional de Locarno, Locarno, Suíça, 1997. Disponível em <<http://www.cetrans.com.br/assets/docs/congresso-internacional-locarno.pdf>>. Acesso em 22 de jun. 2018.

OLIVEIRA, Anaelize. **Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental: como tem ocorrido na sala de aula?** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Recife: UFPE, 2017.

PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: O que tem sido produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? *In*: CARVALHÊDO, Josania.; CARVALHO, Maria Vilani.; ARAUJO, Francisco. (orgs.). **Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidades e possibilidades**. Teresina: EDUPI, 2016. Disponível em <<https://www.scribd.com/document/389378011/ARAUJO-producao-de-conhecimento-pdf>>. Acesso em 08 de mai. 2019.

SANTOS, Laís. **Educação financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Recife: UFPE, 2017.

SILVA, Amarildo; POWELL, Arthur. Educação Financeira na escola: A perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Boletim Gepem – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática**, 2015.

SILVA, Arlam. **Educação Financeira em Aulas de Matemática: ambientes de aprendizagem a partir de atividades propostas em livros didáticos**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Recife: UFPE, 2018.

SILVA, Ingrid. **Programa de Educação Financeira nas Escolas- Ensino Médio: Uma análise dos materiais propostos e sua relação com a matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Recife: UFPE, 2017.

SKOVSMOSE, Ole. O cenário para investigação. *In*.: **BOLEMA**, Rio Claro/SP, v.14, n. 14, p. 66-91, dez. 2000.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Crítica: incerteza, matemática, responsabilidade**. São Paulo: Cortez, 2007.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. São Paulo: Papyrus, 2014.

VIEIRA, Glauciane; OLIVEIRA, Marilene; PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: análise do material do MEC para os anos iniciais. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 6, p. 1-20, 2019.

Submetido em junho de 2019.

Aceito em setembro de 2020.

